

ISSN 000-0000

BOLETIM DE CONJUNTURA
**MERCADO
DE TRABALHO**

1º TRIMESTRE DE 2021

Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento – Seplan
João Felipe de Souza Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais
da Bahia – SEI
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Pesquisas – Dipeq
Jonatas Silva do Espírito Santo

Coordenação Editorial
Guillermo Javier Pedreira Etkin
Luiz Fernando Araújo Lobo

Elaboração Técnica
Luiz Fernando Araújo Lobo
Silvânia Ferreira Conceição

Coordenação de Biblioteca e Documentação – Cobi
Normalização
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Editoria-Geral
Coordenação de Produção Editorial
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo
Ludmila Nagamatsu

Revisão
Alcione Zanca

Editoração
Alderlan Oliveira

Projeto Gráfico
Nando Cordeiro

Av. Luiz Viana Filho, 4ª Av., 435, CAB.
Cep: 41.745-002. Salvador(BA)
Tel.: (71) 3115 4733 Fax.: (71) 3116 1781
www.sei.ba.gov.br
sei@sei.ba.gov.br

SUMÁRIO

1º TRIMESTRE DE 2021	1
CENÁRIO ECONÔMICO	2
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED	4
MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC	12
PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO	19
Expectativa dos empresários baianos para o emprego	19
NOTA METODOLÓGICA	22
Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano	22

1º TRIMESTRE DE 2021

As repercussões negativas da chamada segunda onda de Covid-19 sobre a atividade econômica brasileira parecem ter sido relativamente comedidas, a despeito da virulência sanitária mais recente ter sido maior do que a enfrentada à época da primeira onda, com aumento das taxas de transmissão, de internações e de óbitos. Também houve mudança no comportamento do vírus quanto à letalidade por faixas etárias, estando os mais jovens cada vez mais expostos. Enfim, a dimensão do rastro de devastação econômica foi menor agora do que no ano passado (também, menor do que o esperado) – suficiente, entretanto, para retardar qualquer processo sustentável de recuperação. Assim, o recrudescimento desse caldo viral ao longo do primeiro trimestre, apesar de consequências econômicas menos danosas do que outrora, transformou o início deste ano numa espécie de continuação do ano anterior, perpetuando dificuldades e obstáculos passados.

No mercado de trabalho, a análise requer cautela adicional, pois há sinais contraditórios vindos de suas bases de dados. As informações provenientes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) vêm apontando cenários destoantes entre si. Até o momento, a despeito dos resultados alvissareiros revelados pelos dados oficiais do Caged via Secretaria Especial da Previdência e Trabalho (estrutura originada do rebaixamento do antigo Ministério do Trabalho), não há como atestar, de forma irrestrita, que o ritmo de qualquer recuperação do emprego e da renda (que possa estar sendo vislumbrado) esteja alicerçado em forças estruturais suficientes para se sustentar e, muito menos, para se expandir com vigor – pelo menos, não no curto prazo.

A desconfiança quanto ao cenário pintado pelo Caged se amplia não somente pelo descolamento demasiado com aquele retratado pela PNADC como também pelo descompasso gritante com a própria realidade econômica, que mesmo diante de alguma recomposição nos indicadores não exhibe qualquer desempenho espetacular. Além do mais, não se pode perder de vista que o mercado de trabalho costuma ser um dos últimos pilares a materializar uma reabilitação. Até o primeiro trimestre de 2021, por exemplo, o que se observou não passou de uma retomada estéril, sem qualquer consistência e caráter perene. Assim, a tão aguardada restauração econômica e dos empregos, num caminho que nos leve à reabertura dos postos eliminados e depois à retomada propriamente dita, deverá ser postergada novamente, aguardando o impulso do momento em que a imunização avance significativamente e a pressão sobre o sistema de saúde diminua progressivamente.

A conjuntura laboral baiana foi examinada neste boletim tendo por base os dados do Caged e da PNADC. Como será possível acompanhar ao longo do texto, não faltam dados para atestar a debilidade da conjuntura do mercado de trabalho no início deste ano e a desconfiança quanto a uma recuperação significativa num reduzido intervalo de tempo. Como exemplo, pode-se citar: recorde da taxa trimestral de desocupação; baixo nível de ocupação; reduzida taxa de participação; significativa população fora da força de trabalho; segundo menor número de empregados com carteira assinada da série; segunda maior taxa composta de subutilização da força de trabalho; grande contingente populacional de desalentados; e menor volume já registrado da massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas (com o rendimento médio de todos os trabalhos na Bahia tendo sido o terceiro mais baixo entre as unidades federativas). Resumidamente, o mar não está para peixe e a travessia do trabalhador baiano ainda será longa e desafiadora.

Enfim, ainda que os impactos econômicos da segunda onda da Covid-19 estejam sendo menores do que os desencadeados pela primeira onda, não se pode fugir do entendimento de que as economias brasileira e baiana ainda enfrentarão uma conjuntura bastante desfavorável, marcada por dificuldades em algumas atividades produtivas e no emprego. Mesmo que o país não seja atingido por uma nova onda de contágio e morte por conta do novo coronavírus e que o programa de imunização avance significativamente (no que ainda não se pode apostar), é preciso compreender que o progresso econômico e a retomada do emprego e da renda não se darão de forma ampla, disseminada e veloz. Afinal, apesar de ser um elemento determinante, o surto epidêmico da Covid-19 em território brasileiro não se constitui como única causa da fragilização e deterioração da atividade econômica e da realidade social, visto que o vírus atinge um país com um mercado de trabalho já bastante precarizado.

CENÁRIO ECONÔMICO

Segundo dados recentemente divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica do estado no primeiro trimestre de 2021, em matéria de Produto Interno Bruto (PIB), sofreu uma contração de 0,5% no confronto com o mesmo período do ano anterior. Esse novo tombo, quarto seguido nessa base de comparação, reforça a percepção da dificuldade que a economia baiana enfrenta para se restabelecer. Entretanto, em comparação ao trimestre imediatamente antecedente (série com ajuste sazonal), houve uma expansão de 1,0%, terceiro seguido nesse comparativo. Apesar do passo-a-passo de uma recuperação, a performance não tem sido outra senão a da morosidade.

O primeiro trimestre evidenciou um novo agravamento da crise, que teve seu epicentro nos meses do segundo trimestre de 2020. Apesar de não generalizado e da heterogeneidade entre os setores, o recuo observado voltou a retratar uma conjuntura delicada e preocupante. Neste contexto, apenas a atividade agropecuária parece não ter repercutido os efeitos desse novo colapso, pois caminha para uma produção física de grãos semelhante a do ano passado, recorde da série. Por outro lado, a indústria tomou um tombo e passou a ser motivo de preocupação ao se revelar como a atividade de maior debilidade no comparativo anual. Sem espanto, o setor de serviços continuou expondo grande fragilidade. O susto ficou por conta do comércio, que de quatro crescimentos seguidos no volume de vendas emendou, neste ano, a terceira queda interanual consecutiva. O empresariado baiano, por sua vez, detonou outro complicador, pois voltou a indicar enfraquecimento da esperança de restabelecimento em médio prazo, visto que o indicador de confiança, após relativo progresso e menor grau de pessimismo do que outrora, passou a sinalizar recrudescimento da incerteza e do pessimismo ao longo do trimestre mais recente.

Efetivamente, conforme o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), relativo ao mês de março, a estimativa para a safra baiana de grãos de 2021 apontou uma ligeira queda de 0,5% em relação ao volume do ano anterior, quando a produção totalizou 10,1 milhões de toneladas. A produção física estimada de grãos, assim, deverá fechar o ano com aproximadamente 10,0 milhões de toneladas – o que significará o segundo melhor resultado já registrado. Dessa forma, entretanto, diante da ampliação de 1,7% da área colhida, a produtividade, entendida como a relação entre produção física e área colhida, irá se retrair em 2,1% de um ano ao outro.

Em relação à indústria, de acordo com as informações da Pesquisa Industrial Mensal, do IBGE, a produção baiana acumulada de janeiro a março de 2021 teve uma retração de 17,9% frente ao montante produzido no mesmo intervalo de 2020 – emendando 12 quedas seguidas nessa base de comparação. O decréscimo no ritmo produtivo do setor ocorreu apenas na indústria de transformação, a qual regrediu 19,0%, já que na extrativa houve avanço de 4,6% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. No acumulado de 12 meses, o quadro indicou novo revés para o total da atividade fabril, com diminuição de 11,2% em relação a igual período imediatamente anterior.

O setor de serviços apresentou nova retração no trimestre mais recente. Conforme a Pesquisa Mensal de Serviços, do IBGE, o volume de serviços prestados, acumulado entre janeiro e março de 2021, em relação ao observado nos mesmos meses de 2020, exibiu uma redução de 9,8% – 22ª queda seguida, após três altas sucessivas na comparação interanual por trimestre móvel. No acumulado de 12 meses, que no caso vai de abril de 2020 a março deste ano, a variação continuou negativa, apontando retrocesso de 15,6% comparativamente ao conjunto de 12 meses imediatamente antecedente.

Relativamente à atividade comercial, a Pesquisa Mensal de Comércio, do IBGE, mostrou uma alteração negativa no volume de vendas do varejo baiano no primeiro trimestre de 2021 no confronto interanual, com queda de 2,9%. A comparação com o mesmo período do ano anterior apresentou o terceiro recuo trimestral seguido, após quatro avanços consecutivos. No acumulado de 12 meses, frente a igual intervalo imediatamente anterior, o indicador para o volume de vendas apontou atrofia de 4,4% – completando 12 meses com resultado abaixo de zero nessa base de comparação.

Por fim, ao final do trimestre, conforme o Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (ICEB), calculado pela SEI, a confiança do empresariado local se mostrou ainda mais fatigada, já que mais atrofiada do que nos meses do trimestre imediatamente antecedente. Dentro do próprio trimestre, o comportamento foi de deterioração, com uma trajetória de decréscimo iniciada no mês de janeiro – deixando para trás o itinerário de recuperação iniciado em junho e mantido até dezembro do ano passado. Em vista disso, a dinâmica de restabelecimento da confiança dos empresários do estado parece ter perdido fôlego ao longo do primeiro trimestre de 2021 (em janeiro, -173 pontos; em fevereiro, -189 pontos; e em março, -287 pontos), repercutindo um processo de recrudescimento recente da incerteza e de definhamento das expectativas. No entanto, o decaimento de agora vem se mostrando bem menos intenso quando da ocorrência da primeira onda do coronavírus, mas suficiente para repercutir uma pontuação do nível de confiança abaixo da média histórica. Enfim, alimentando um viés de baixa e indicando pessimismo, os últimos resultados do ICEB sustaram o movimento de resgate da confiança no meio empresarial baiano iniciado no meio do ano passado e voltaram a abalar a crença em um cenário mais otimista num futuro próximo.

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO O CAGED

De acordo com as estatísticas do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, na Bahia, no primeiro trimestre de 2021, o saldo de empregos com carteira assinada foi positivo, indicando uma geração líquida de 42.718 postos¹. A dinâmica com mais admissões que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do referido intervalo. O mês de fevereiro foi o de maior saldo, com 18.503 novas vagas – revelando-se, também, o melhor resultado mensal desde o verificado em maio de 2010 (+19.682 postos)². Os meses de janeiro e março testemunharam excedentes menos destacados, com surgimento de 14.395 e 9.820 novos postos, respectivamente – mantendo, no entanto, um nível de geração considerável ao longo do trimestre. Além do mais, em termos de saldo, vale destacar que cada um desses três meses evidenciou um desempenho muito superior ao do mês correspondente do ano anterior.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no primeiro trimestre de 2021, com 837.074 postos a mais. Ademais, vale ressaltar, todas as regiões originaram postos de trabalho. O Sudeste, com a eclosão de 405.608 vagas, evidenciou a melhor situação. A Região Norte registrou a menor geração líquida, com um surgimento de 27.939 empregos celetistas. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em 24 delas. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 42.718 oportunidades ocupacionais, ficou na sexta posição, duas colocações acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia ficou com o melhor desempenho, enquanto Alagoas (-9.534 postos) exibiu o menor saldo regional no período.

Ao longo de 2021, até março, a geração líquida de 42.718 postos na Bahia representou uma ampliação de aproximadamente 2,5% no estoque de 1.703.075 empregos com carteira assinada existente quando se iniciou o referido ano (em 2020, houve um recuo de 0,5%). Com esse resultado agregado foi possível suplantar a perda de 8.812 postos no ano passado e, ainda, tornou-se mais tangível neutralizar as perdas dos anos da última crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados (especificamente 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente) – recuperando, assim, o entusiasmo quanto ao processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem.

1 Conforme a Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (SEPT), seguindo um cronograma de implantação com término em novembro de 2021, o Caged vem sendo substituído pelo Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas (eSocial) como meio para a prestação de informações por parte do empregador. A fim de assegurar a qualidade e a integridade das estatísticas do emprego formal e evitar lacunas decorrentes de falta de prestação da informação ou de inconsistências causadas por migrações de sistemas, a SEPT vem se utilizando do método de imputação e compatibilização de dados de outras fontes, dando origem ao que se convencionou chamar de novo Caged – mas que aqui, por praticidade, continuará sendo identificado simplesmente como Caged. No futuro, quando todas as empresas estiverem desobrigadas a declarar o Caged, o eSocial será a única fonte de dados a alimentar o novo Caged.

2 Aqui mantendo as ressalvas para a comparabilidade da série decorrentes de uma mudança na forma de captação dos dados do emprego formal, já que, além da natureza distinta de recebimento das informações, o eSocial também possui uma cobertura maior (com a incorporação de outros tipos de vínculos não declarados pelo Caged).

Com o olhar voltado para as médias móveis de 12 meses, abarcando os registros do trimestre mais recente, a Bahia acabou de experimentar o terceiro saldo positivo consecutivo de empregos formais³ (Gráfico 1) – etapa iniciada em janeiro deste ano (+230 postos) e com o ápice repercutido em março (+3.227 postos). Antes disso, porém, houve um intervalo relativamente curto de nove resultados mensais ininterruptos com eliminação líquida de oportunidades ocupacionais, cujo momento mais desfavorável ocorreu em junho de 2020 (-5.465 postos). Após o menor saldo médio dessa fase de contração, o processo de restauração, principalmente nos últimos meses, tem se dado de maneira mais intensa, além de demonstrado tendência de continuidade – alimentando as esperanças pela consolidação da musculatura desse ciclo expansionista que se inicia, segundo estatísticas do Caged.

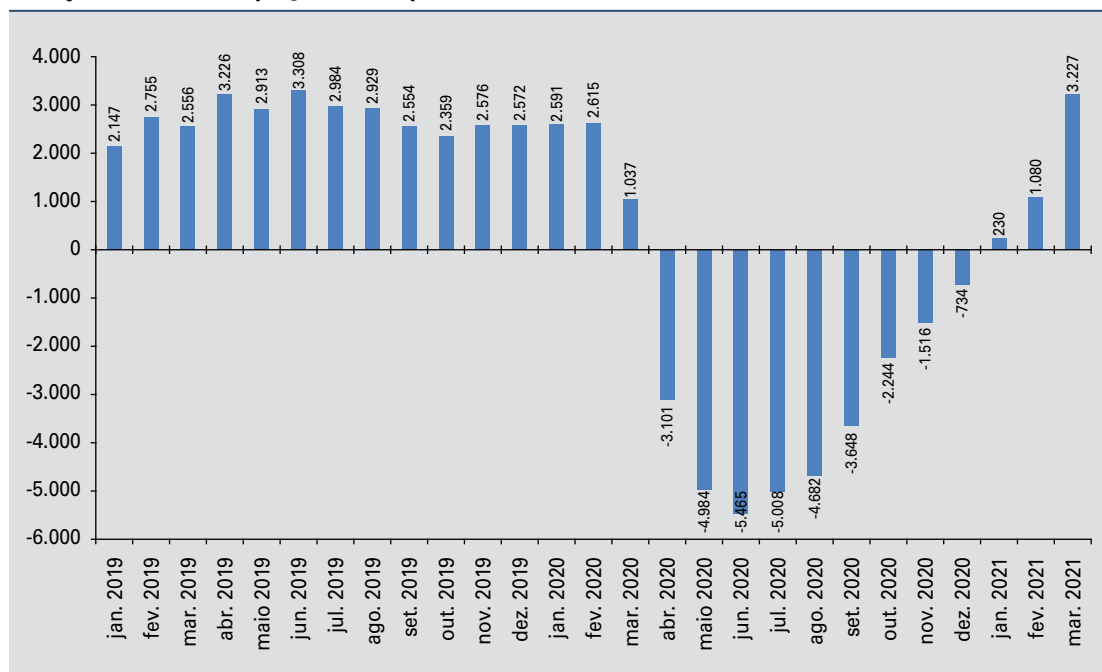
Numa circunscrita retrospectiva, que pode ser acompanhada através do gráfico abaixo, é preciso recordar que antes mesmo do surto do novo coronavírus se confirmar como pandemia, o mercado de trabalho baiano não havia começado bem o ano de 2020, visto ter dado simplesmente seguimento ao retrospecto pouco vigoroso dos meses anteriores, carregando a pecha de um percurso arrastado e sem tração para o ano que se iniciava e reafirmando toda a lentidão do processo de regeneração. Em seguida, como se sabe, solapado pela grave crise decorrente da epidemia de covid-19, o mercado de trabalho voltou a ruir e se deparou com mais um desequilíbrio, voltando a exibir saldo médio negativo de vagas e iniciando assim mais uma era de constrição. Esse novo ciclo de supressão de postos, apesar do recuo vertiginoso, do elevado nível de incerteza presente inicialmente e dos contornos trágicos, no entanto, começou a perder força ao longo do terceiro e do quarto trimestres de 2020 e se encerrou em dezembro último.

O novo intervalo de profusão de vagas, iniciado no primeiro mês deste ano, porém, ainda está aquém da amplitude máxima alcançada pelo ciclo contracionista de postos imediatamente antecedente. Assim, mesmo experimentando momentos menos dramáticos e com potencial promissor, o mercado de trabalho baiano ainda vai precisar de algum tempo para efetivamente ratificar um ciclo amplo e enraizado de restabelecimento – o que ainda não foi vivenciado desde o pior estágio da conjuntura recente, em junho de 2016, quando da perda líquida média de 7.384 vagas, posto que o que se viu desde então não passou de um itinerário moroso de reabilitação.

3 Ao longo do texto, no contexto do Caged, o termo ‘emprego formal’ se constitui numa simplificação para tratar da relação empregatícia com contrato de trabalho regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Gráfico 1

Evolução do saldo de empregos formais por média móvel de 12 meses – Bahia – Jan. 2019-mar. 2021



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) ajustes remanescentes dos meses de janeiro a dezembro de 2019 não disponibilizados.

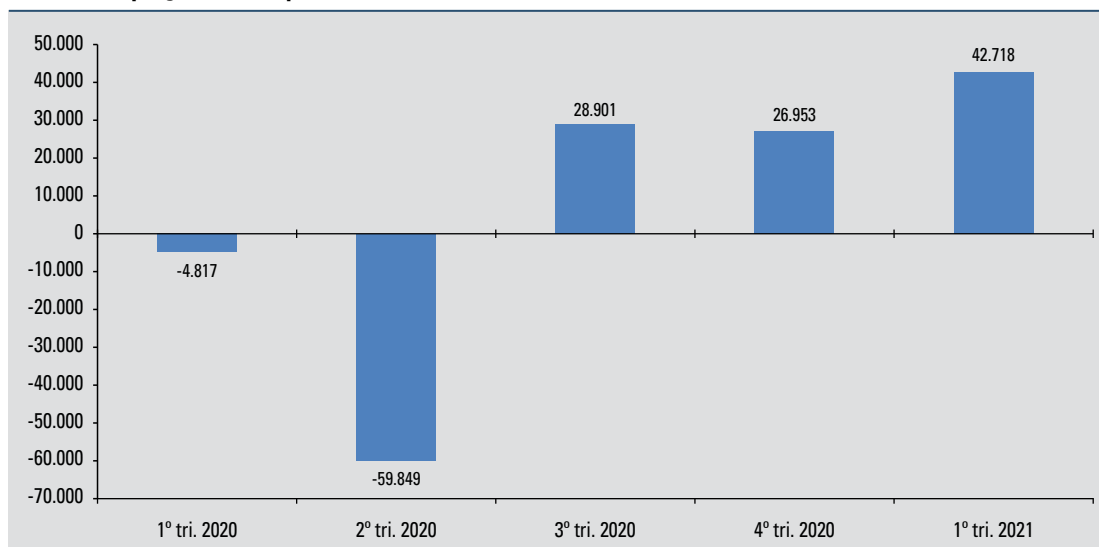
Na Bahia, em termos de saldo, o resultado do conjunto dos três primeiros meses deste ano foi surpreendente, dadas as circunstâncias atuais. A variação positiva do número de postos de trabalho no intervalo mais recente, indicando que 42.718 novos contratos com carteira foram assinados, amparou o maior saldo para um primeiro trimestre no estado desde 2010. Aliás, o que é ainda mais alentador, trata-se do melhor resultado trimestral desde o registrado no segundo trimestre de 2011 (+43.745 postos). Isso tudo logo depois de uma perda líquida anual de postos (8.812 contratos rescindidos no acumulado do ano passado) e, ainda, com o país vivenciando o momento mais intenso e dramático da segunda onda de coronavírus⁴.

Como exposto pelo Gráfico 2 logo abaixo, o saldo trimestral mais recente foi o terceiro positivo em sequência, já que os dois últimos trimestres do ano antecedente também contaram com mais admissões do que desligamentos. Um ano antes, porém, o cenário havia sido desfavorável, pois houve recuo da ocupação formal, com o mercado de trabalho baiano lidando com um enxugamento de 4.817 vagas à época. Por fim, a eclosão de 42.718 novas vagas no primeiro trimestre deste ano representou o reforço adicional que faltava no percurso de superação das perdas apontadas por dois resultados trimestrais negativos seguidos dentro do ano passado, quando o trimestre inaugural e o segundo trimestre de 2020 amargaram juntos a eliminação de quase 65 mil postos (menos 4.817 e 59.849 postos, na devida ordem).

4 Ressalte-se não se tratar de um resultado definitivo, visto que informações fora do prazo ainda serão recebidas nos próximos meses.

Gráfico 2

Saldo de empregos formais por trimestre – Bahia – 1º tri. 2020-1º tri. 2021



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

Na avaliação setorial do primeiro trimestre de 2021, todos os cinco estratos setoriais incorporaram novos postos de trabalho na Bahia. O setor de *Serviços* – de longe, o mais prejudicado pela crise recente – destacou-se com o desempenho mais proeminente entre as categorias, com a geração líquida de 16.674 postos de trabalho – o que contribuiu com a reabertura dos postos fechados ao longo do ano passado. A *Indústria geral*, com 9.737 novas vagas, também indicou um saldo relativamente proeminente. Em seguida, com saldos positivos menos protuberantes, conforme se pode acompanhar pela próxima tabela, a *Construção* (+6.727 postos), o *Comércio* (+6.495 postos) e a *Agropecuária* (3.085 vagas) exibiram contratação líquida de trabalhadores⁵. Assim, portanto, nenhum grupamento de atividade econômica chegou a registrar um número maior de fechamentos do que de aberturas de postos no citado intervalo no estado.

Para efeito de comparação no tempo, no mesmo trimestre do ano anterior, apenas dois dos setores abriram mais vagas do que fecharam e, em termos de saldo, à época, todas as cinco atividades exibiram um desempenho bem inferior ao observado recentemente. No quarto trimestre de 2020, por outro lado, constatou-se queda da ocupação formal em um dos setores, sendo que apenas uma das atividades contabilizou resultado líquido melhor naquele trimestre do que no primeiro trimestre deste ano (Tabela 1). Outra constatação importante é que, atualmente, com a dilatação do mercado de trabalho formal baiano no primeiro trimestre alcançando todos os grupos setoriais, já que não houve supressão líquida de postos em qualquer um deles, os estoques de vínculos de cada grupamento se encontraram em patamares superiores ao do período pré-pandemia – o que não significa necessariamente uma superação dos obstáculos.

5 Em sintonia com o IBGE na divulgação das estatísticas da PNADC, a SEPRT passou a adotar a classificação de atividades econômicas baseando-se na agregação das seções da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0). No entanto, a fim de diminuir o número de estratos e de otimizar a análise das estatísticas de emprego formal, as seções foram agrupadas em atividades semelhantes, culminando em cinco grandes categorias: *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura*; *Indústria geral*; *Construção*; *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas*; e *Serviços*.

Numa avaliação mais pormenorizada das atividades que contam com subdivisões, o setor de *Serviços* constatou saldo positivo na maioria delas, exceto em Educação (-1.534 postos) e em Artes, cultura, esporte e recreação (-37 postos)⁶. Ainda dentro de *Serviços*, as seções de Saúde humana e serviços sociais e de Atividades administrativas e serviços complementares merecem destaque positivo, visto que exibiram os melhores resultados entre as subdivisões, com 6.432 e 5.003 novas vagas no primeiro trimestre deste ano, respectivamente. No grupamento *Indústria geral*, a seção Indústrias de transformação, com alta de 8.849 vínculos no estoque, foi a de maior geração líquida de postos no referido intervalo⁷.

Tabela 1
Saldo de empregos formais por grupamento de atividade econômica, por trimestre
Bahia – 1º tri. 2020/4º tri. 2020/1º tri. 2021

Grupamento de atividade econômica	1º tri. 2020	4º tri. 2020	1º tri. 2021
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	809	-4.204	3.085
Indústria geral	1.453	489	9.737
Construção	-217	617	6.727
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	-3.239	16.759	6.495
Serviços	-3.623	13.292	16.674
Total	-4.817	26.953	42.718

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

Quanto à distribuição intraestadual, no primeiro trimestre de 2021, a Região Metropolitana de Salvador (RMS) e o interior experimentaram surgimento líquido de vagas (Tabela 2). Enquanto na RMS foram absorvidos 14.068 novos empregados com registro em carteira, no interior surgiram 28.650 ocupações. Um ano antes, porém, houve geração líquida de postos em apenas uma das regiões, o interior no caso – expondo, portanto, uma conjuntura mais favorável agora do que há um ano em termos de abrangência. Em comparação com o trimestre imediatamente antecedente, quando oportunidades também brotaram nas duas regiões, a principal diferença se deu na sutileza pontual da inversão de protagonismo, já que foi o interior que passou a ostentar um melhor resultado no intervalo mais recente. Por fim, em termos de saldo, a RMS abriu mais postos agora do que no mesmo trimestre do ano passado, mas menos do que no quarto trimestre de 2020. O interior, por sua vez, demonstrou um desempenho recente melhor do que o de qualquer dos dois trimestres de comparação.

Enfim, ao longo dos três meses iniciais deste ano, portanto, a geração líquida de empregos formais na Bahia (+42.718 postos) foi influenciada principalmente pelo desempenho do interior (+28.650 postos), já que a RMS (+14.068 postos) registrou um ganho líquido de postos menos expressivo, aproximadamente metade do observado no interior, o que colocou aquela instância geográfica como núcleo principal da recuperação de dinamismo da realidade laboral formal

6 O grupamento de *Serviços* possui 14 desagregações: Transporte, armazenagem e correio; Alojamento e alimentação; Informação e comunicação; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; Atividades imobiliárias; Atividades profissionais, científicas e técnicas; Atividades administrativas e serviços complementares; Administração pública, defesa e seguridade social; Educação; Saúde humana e serviços sociais; Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; Serviços domésticos; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

7 O grupamento de atividade denominado *Indústria geral* subdivide-se em quatro seções: Indústrias extrativas; Indústrias de transformação; Eletricidade e gás; e Água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação.

no território baiano no início deste ano. De certa forma, a RMS se constituiu num freio a um desempenho ainda mais favorável do mercado de trabalho baiano até agora.

Tabela 2
Saldo de empregos formais entre RMS e interior, por trimestre – 1º tri. 2020/4º tri. 2020/1º tri. 2021

Área geográfica	1º tri. 2020	4º tri. 2020	1º tri. 2021
Bahia	-4.817	26.953	42.718
RMS	-5.906	17.448	14.068
Interior	1.089	9.505	28.650

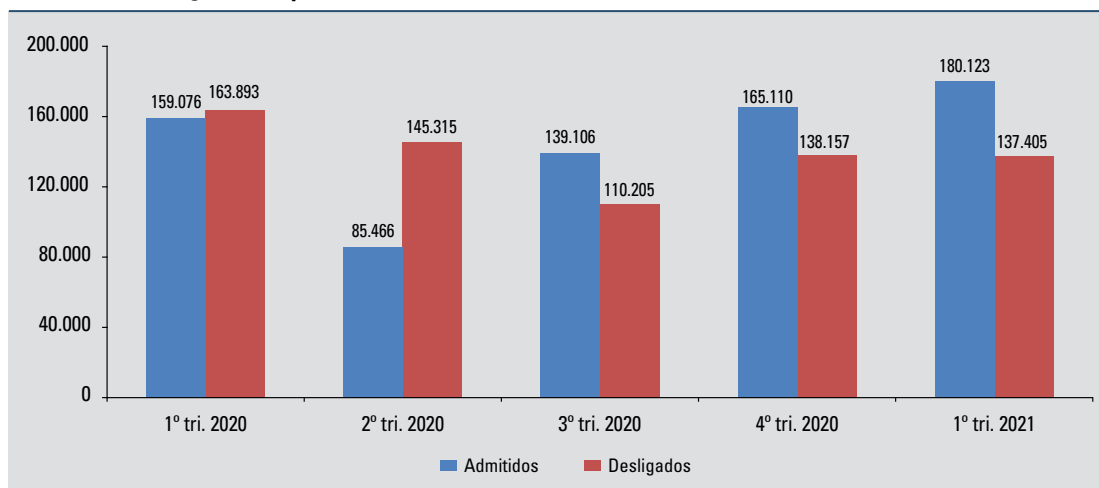
Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; e iii) a RMS engloba os municípios de Camaçari, Candeias, Dias D'Ávila, Itaparica, Lauro de Freitas, Madre de Deus, Mata de São João, Pojuca, Salvador, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Simões Filho e Vera Cruz (Lei nº 13.468/2015).

O saldo positivo de 42.718 empregos formais na Bahia, observado no primeiro trimestre deste ano, foi proveniente de 180.123 admissões e 137.405 desligamentos (Gráfico 3). Em relação ao mesmo trimestre do ano antecedente, as admissões cresceram, ao passo que as deposições recuaram – aquelas em 13,2% (21.047 admitidos a mais) e estas em 16,2% (26.488 desligados a menos). As contratações, aliás, completaram três trimestres em sequência com crescimento, evidenciando o maior quantitativo desde o averiguado no segundo trimestre de 2015 (187.650 admissões). Por sua vez, os desligamentos se mantiveram em patamar semelhante ao do trimestre imediatamente antecedente, assumindo o segundo menor montante desde o início da década passada pelo menos (superior apenas ao do penúltimo trimestre de 2020, com 110.405 contratos encerrados).

A dinâmica com alta das contratações ao tempo em que reduzem os desligamentos se configura num movimento sinérgico e ajuda a entender a ocorrência de um saldo enormemente mais acentuado do que há um ano. No entanto, pelo visto, a despeito do importante avanço na reposição de quadros nessa base de comparação, a recuperação do mercado de trabalho baiano no trimestre mais recente, retratada aqui pelo maior saldo desde o início da década passada, se ancorou mais intensamente no recuo anual das dispensas – posto que tal montante encolheu consideravelmente e se encontra num nível considerado baixo em termos históricos. Outras constatações podem ser apreendidas pela observação do gráfico abaixo.

Gráfico 3
Admissões e desligamentos por trimestre – Bahia – 1º tri. 2020-1º tri. 2021



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

Em termos absolutos, em comparação ao mesmo trimestre do ano passado, a alta nas admissões no mercado de trabalho baiano ecoou essencialmente a elevação em uma das formas de contratação: a admissão por reemprego (20.664 contratações a mais), tipo mais comum⁸. Enquanto isso, o encolhimento anual nos desligamentos foi puxado principalmente pelo decréscimo verificado nas demissões sem justa causa (25.755 desligamentos a menos), maneira mais habitual de findar uma relação empregatícia. Em termos relativos, tais formas de movimentação exibiram aumento de 14,1% e recuo de 23,1%, respectivamente (Tabela 3).

Do conjunto total das categorias (de admitidos e de desligados), outras também merecem destaque por suas variações relativas no intervalo de um ano. No campo das admissões, vale ressaltar o recuo de 52,0% no número de contratos de trabalho por prazo determinado (624 contratações a menos) e a alta de 8,9% no quantitativo de admitidos por primeiro emprego (1.019 a mais). No que se refere aos desligamentos, a queda anual de 79,2% naqueles por término de contrato (2.618 a menos) e a elevação de 40,1% nos desligamentos por morte (194 a mais) também fazem jus de serem evidenciados.

Tabela 3
Admissão e desligamento por tipo de movimentação – Bahia – 1º tri. 2020/1º tri. 2021

Tipo de movimentação	1º tri. 2020	1º tri. 2021	Variação	
			Relativa	Absoluta
Admissão por reemprego	146.302	166.966	14,1%	20.664
Admissão por primeiro emprego	11.407	12.426	8,9%	1.019
Contrato trabalho prazo determinado	1.199	575	-52,0%	-624
Admissão por reintegração	168	156	-7,1%	-12
Admissão por transferência	0	0	-	-
Total de Admissões	159.076	180.123	13,2%	21.047
Desligamento por demissão sem justa causa	111.511	85.756	-23,1%	-25.755
Desligamento a pedido	21.113	24.816	17,5%	3.703
Término contrato trabalho prazo determinado	23.175	20.950	-9,6%	-2.225
Desligamento por acordo entre empregado e empregador	1.456	1.226	-15,8%	-230
Desligamento por demissão com justa causa	1.083	920	-15,1%	-163
Desligamento por término de contrato	3.307	689	-79,2%	-2.618
Desligamento por morte	484	678	40,1%	194
Desligamento por culpa recíproca	160	207	29,4%	47
Desligamento por aposentadoria	67	59	-11,9%	-8
Desligamento por transferência	0	0	-	-
Desligamento de tipo ignorado	3	11	266,7%	8
Não identificado	1.534	2.093	36,4%	559
Total de Desligamentos	163.893	137.405	-16,2%	-26.488
Saldo (Admissões - Desligamentos)	-4.817	42.718	-	-

Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

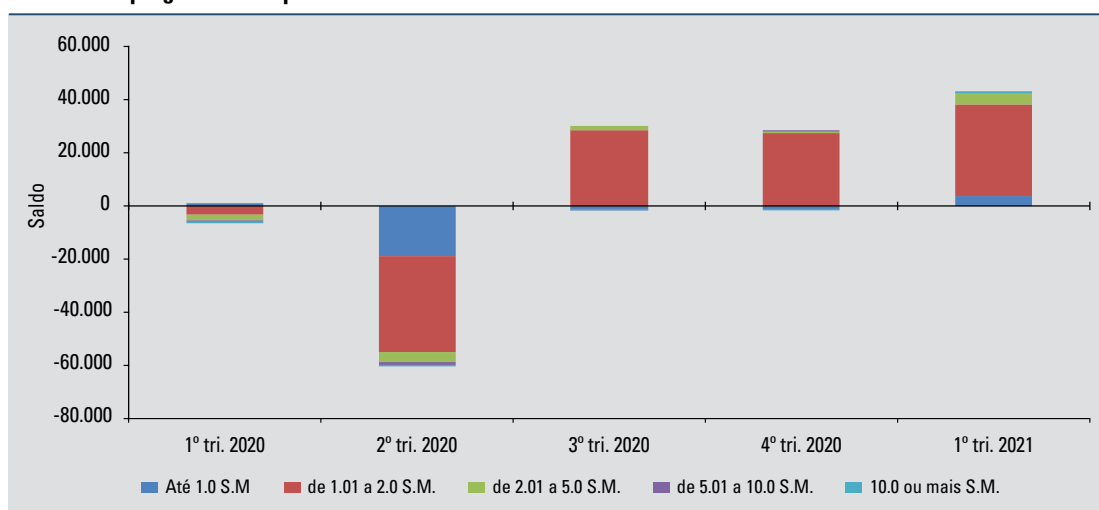
De janeiro a março, reforçado por um resultado positivo no agregado bastante dilatado – maior quantitativo trimestral dos últimos dez anos –, o surgimento líquido de vagas aconteceu em todos os cinco estratos de remuneração analisados (Gráfico 4). A camada dos que receberam

8 Reempregado é aquele que já havia exercido ocupação formal no mercado de trabalho anteriormente.

de um a dois salários mínimos despontou com a maior formalização de vínculos no primeiro trimestre de 2021, numa magnitude bem superior às demais. Nesta fase, portanto, mesmo disseminando a capacidade de gerar postos de trabalho em todos os grupos salariais, o mercado de trabalho baiano concentrou as contratações nos postos de retorno financeiro relativamente baixo, os de um a dois salários mínimos – por sinal, grupo de maior rescisão líquida de contratos no pior momento da crise, ocorrido no segundo trimestre do ano passado.

Neste enquadramento de saldos por faixa de salário mínimo, o panorama no primeiro trimestre de 2021 se mostrou bem mais favorável do que o observado há um ano. Além de a geração líquida de postos ter se dado em apenas uma classe à época (de até um salário mínimo), todas as faixas de rendimento exibiram resultado líquido melhor agora do que naquele intervalo – ou seja, as cinco categorias apresentaram saldo maior no trimestre mais recente. Em relação ao quarto trimestre de 2020, a cena estampada no trimestre inaugural deste ano também se revelou mais opulenta, visto que antes dois dos estratos salariais apontaram supressão líquida de postos e, ainda, quatro deles exibiram um saldo menor.

Gráfico 4
Saldo de empregos formais por faixa de salário mínimo – Bahia – 1º tri. 2020-1º tri. 2021



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; e ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo.

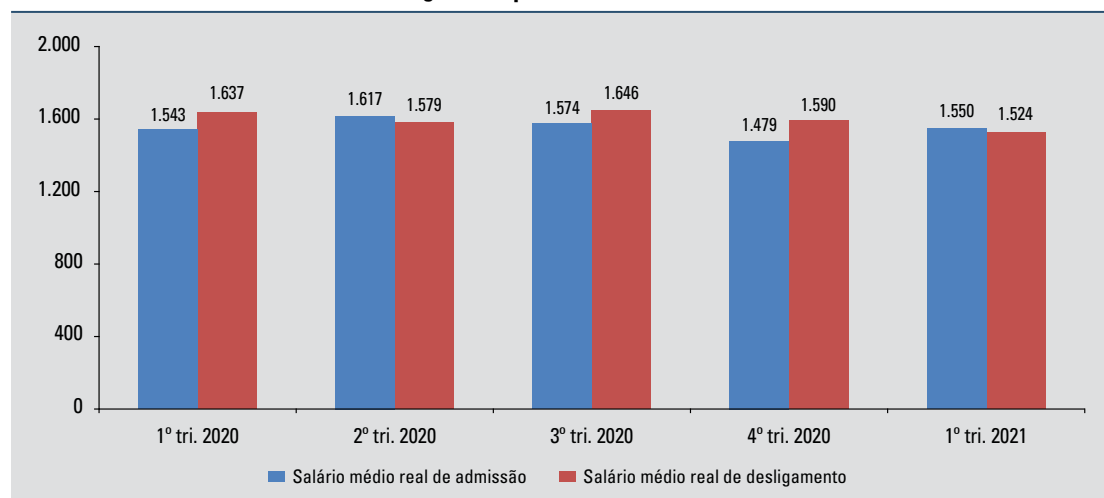
O salário médio real de admissão na Bahia chegou a R\$ 1.550 no primeiro trimestre de 2021. A remuneração média dos trabalhadores admitidos, assim, após dois recuos consecutivos, voltou a se ampliar no trimestre mais recente (Gráfico 5). Em relação ao trimestre antecedente, quando alcançou R\$ 1.479, houve alta de 4,8%. Na comparação interanual, ocorreu uma subida de 0,5%, já que, à época, o valor havia sido de R\$ 1.543. O salário médio real de desligamento, por sua vez, emendou a segunda queda seguida na Bahia, ficando num nível inferior aos registrados em todos os trimestres convencionais de um ano para cá pelo menos. O valor mais recente chegou a R\$ 1.524, o que representou uma diminuição de 4,1% e 6,9% sobre aqueles registrados no mesmo intervalo de 2020 e no trimestre imediatamente anterior, respectivamente⁹.

9 Importante ressaltar que a distribuição dos salários dos trabalhadores celetistas apresentou significativa assimetria em decorrência da presença de valores discrepantes. Com isso, os resultados referentes às médias salariais ficaram viesados para cima, influenciados pelo registro de altos rendimentos no cadastro. Tais achados carregam, também, a contribuição de limitações características de registro administrativo, a saber, ausência de declaração ou declaração incorreta.

No primeiro trimestre de 2021, portanto, o salário médio real de admissão se mostrou acima do de desligamento – situação, portanto, diferente daquela observada no primeiro e no último trimestres do ano passado (aliás, a última vez que isso havia acontecido foi no segundo trimestre do ano passado). Enquanto no intervalo mais atual, o trabalhador admitido recebeu, em média, 101,7% do recebido pelo trabalhador desligado, no trimestre imediatamente precedente e no primeiro trimestre de 2020, esses percentuais foram de 93,1% e 94,2%, respectivamente – denotando, dessa maneira, elevação do preço de rotatividade da mão de obra em relação a ambos os intervalos de comparação na Bahia.

Gráfico 5

Salário médio real de admissão e de desligamento por trimestre – Bahia – 1º tri. 2020-1º tri. 2021



Fonte: Ministério da Economia/SEPRT – Caged.

Notas: i) Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021; ii) excetuando-se o saldo do último mês, os demais contam com o ajuste das declarações fora do prazo; iii) dados deflacionados em relação a março de 2021 pelo INPC; e iv) dados não levam em conta contratos de trabalho com vínculo sob a modalidade intermitente e não incluem valores de rendimentos inferiores a 0,3 salário mínimo e superiores a 150 salários mínimos (vigente em cada ano).

MERCADO DE TRABALHO SEGUNDO A PNADC

Conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, sintetizados na Tabela 4, a desocupação na Bahia atingiu 21,3% da população na força de trabalho no primeiro trimestre de 2021. O resultado em questão representou a maior taxa trimestral de desocupação desde o início da pesquisa, renovando assim a máxima ocorrida no terceiro trimestre de 2020 (20,7%)¹⁰. No Brasil e no Nordeste, a desocupação observada no primeiro trimestre do ano ficou em 14,7% e 18,6%, respectivamente – valores que também ocuparam o maior patamar de cada série correspondente.

A Região Nordeste (18,6%), por sinal, permaneceu com a mais alta taxa entre as regiões brasileiras, ficando a Região Sul (8,5%) com a menor. Entre as unidades da Federação, a Bahia exibiu o índice mais elevado no trimestre de janeiro a março de 2021 – fato repetido pela oitava vez em sequência. Desta vez, no entanto, a Bahia dividiu o posto com Pernambuco, que também exibiu

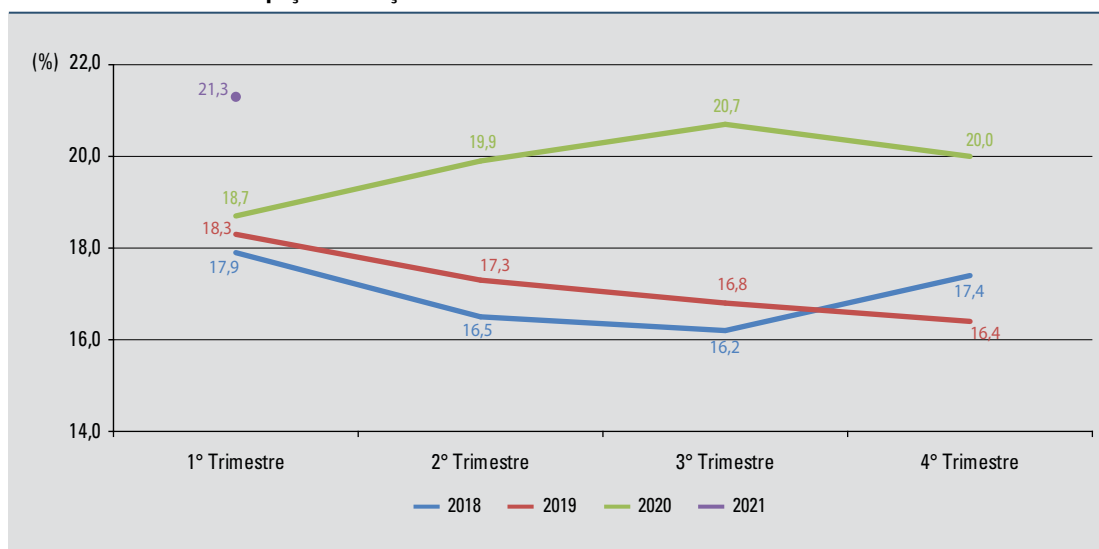
¹⁰ A PNADC foi implantada em caráter definitivo em janeiro de 2012.

uma taxa de 21,3%. Na outra ponta, Santa Catarina (6,2%) apresentou a menor estimativa. Na Bahia, portanto, o referido indicador foi mais do que o triplo do observado em Santa Catarina nos primeiros três meses deste ano.

Em 2020, na Bahia, o percentual de desocupados na força de trabalho se elevou seguidamente até o terceiro trimestre, num movimento que começou no conjunto dos três meses inaugurais do mesmo ano. No último intervalo daquele ano, porém, essa trajetória a montante foi descontinuada e o mencionado indicador exibiu recuo, descendo a 20,0% – materializando, ao final das contas, uma alta de 3,6 pontos percentuais quando se compara com o registrado no quarto trimestre de 2019 (16,4%). Para completar, no começo deste ano, a referida taxa voltou a subir e passou de 20,0% a 21,3%, um aumento de 1,3 ponto percentual – resgatando, assim, o movimento ascendente delineado durante o ano anterior (Gráfico 6). Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2020, quando o indicador foi estimado em 18,7%, também houve crescimento, com a taxa mais recente ficando 2,6 pontos percentuais acima.

A dinâmica de alta observada no primeiro trimestre de 2021, no entanto, não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano em início de ano (em parte, associada a fatores sazonais), tendo sido observado em todos os anos da série. Além do mais, essa guinada altista resulta também dos efeitos devastadores da crise sanitária do novo coronavírus, fortalecida por uma nova onda (de maior gravidade e disseminação) em todo território brasileiro. Nesse contexto, qualquer sinal de esperança pela superação do quadro atual de deterioração, que por ventura tenha se renovado ao final de 2020, voltou a ser escamoteado.

Gráfico 6
Taxa trimestral de desocupação da força de trabalho – Bahia – 1º tri. 2018-1º tri. 2021



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

O nível da ocupação em território baiano no trimestre encerrado em março de 2021 diminuiu no comparativo com o trimestre imediatamente antecedente e também em relação ao de um ano antes¹¹. Dessa forma, o percentual de pessoas de 14 anos ou mais de idade ocupadas caiu para 41,5% – ficando o terceiro menor valor da série –, ao passo que havia sido de 47,3% e 41,9%

11 O nível da ocupação diz respeito ao percentual de ocupados em relação às pessoas em idade de trabalhar.

no primeiro e no quarto trimestres de 2020, respectivamente. A taxa de participação, por sua vez, estabeleceu a quarta menor marca ao ficar em 52,7% no intervalo mais recente¹² – alta de 0,3 ponto percentual frente ao trimestre imediatamente antecedente (52,4%) e queda de 5,5 pontos percentuais em comparação com o primeiro trimestre de 2020 (58,2%).

No trimestre analisado, tendo como referência tanto o intervalo imediatamente antecedente quanto o de um ano antes, o mercado de trabalho baiano se deparou com queda na ocupação e alta na desocupação. Assim, após ter aumentado recentemente, o contingente de ocupados voltou a cair. Com o terceiro menor nível da série, a população ocupada foi estimada em 5,135 milhões, representando um recuo de 9,9% (-565 mil pessoas) em contraponto à do mesmo período de 2020 e de 1,0% (-53 mil) comparativamente à do trimestre anterior. Esse montante, por sinal, já alcançou 6,432 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada foi calculada em 1,386 milhão de indivíduos, maior quantitativo registrado na série – indicando uma alta de 6,9% (+90 mil) frente à do quarto trimestre de 2020 e de 5,7% (+75 mil) em relação à do mesmo conjunto de meses de um ano antes.

A queda na ocupação combinada com a ampliação do número de desocupados desembocou numa subida da taxa de desocupação no estado. O movimento ascendente da taxa de desocupação em um ano ou em relação ao trimestre antecedente, portanto, esteve atrelado tanto à redução de pessoas trabalhando quanto ao aumento de indivíduos procurando por trabalho. Em relação ao registrado há um ano, por exemplo, o fechamento de postos (-565 mil) num volume acima ao da saída de indivíduos da força de trabalho (-490 mil) ajuda a explicar o aumento da quantidade de desocupados (+75 mil). Além do mais, diante de uma maior população em idade de trabalhar que um ano antes, importante ressaltar que a alta da desocupação somente não foi mais expressiva por conta do crescimento do contingente fora da força de trabalho (+816 mil). Não à toa, esse quantitativo, que não estava ocupado nem desocupado na semana de referência, demarcou o quarto maior registro da sequência, de 5,847 milhões de indivíduos inativos.

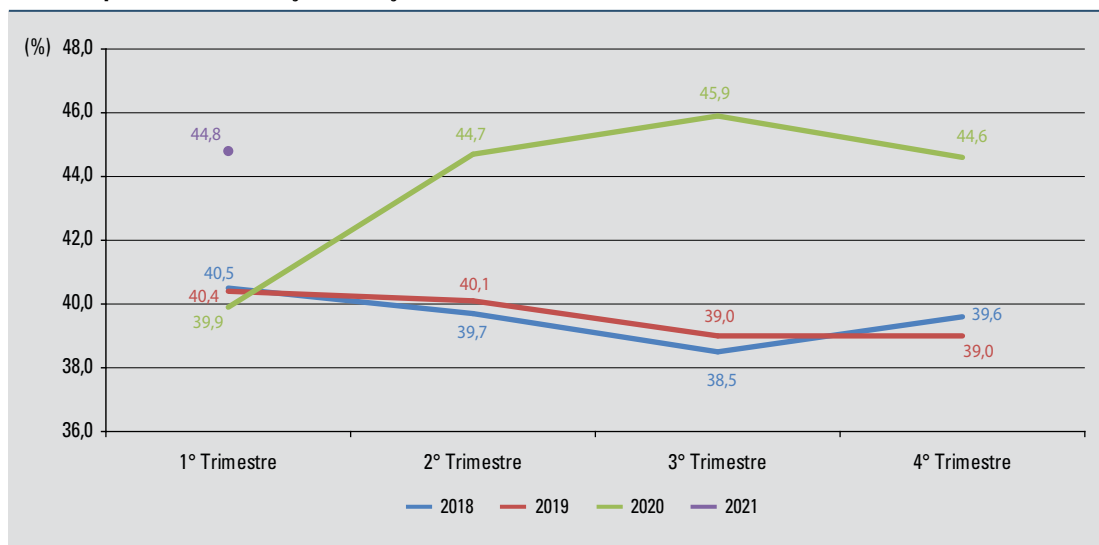
Além da alta no índice de desocupação no estado na margem e em termos interanuais, a taxa composta de subutilização da força de trabalho também cresceu, alcançando 44,8% no trimestre mais atual – indicando, assim, expansões de 0,2 e 4,9 pontos percentuais em relação às estimativas do trimestre antecedente (44,6%) e do de um ano atrás (39,9%), respectivamente (Gráfico 7). Com essa nova alta, a taxa exibiu o segundo maior registro da série¹³. A Bahia, assim, exibiu a quarta maior taxa de subutilização entre as unidades federativas. No Brasil como um todo, a taxa ficou em 29,7% no período retratado. Enfim, no trimestre encerrado em março de 2021, 3,499 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade se encontravam na condição de subutilizadas em território baiano.

12 A taxa de participação se refere ao percentual de pessoas na força de trabalho em relação àquelas em idade de trabalhar.

13 A taxa composta da subutilização da força de trabalho retrata a relação entre o grupo dos desocupados, subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e força de trabalho potencial e o grupo delimitado pela força de trabalho ampliada (que é a soma da força de trabalho com a força de trabalho potencial).

Gráfico 7

Taxa composta de subutilização da força de trabalho – Bahia – 1º tri. 2018-1º tri. 2021



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

O montante de desalentados em terras baianas no primeiro trimestre do ano de 2021 foi de 785 mil pessoas, o quinto maior da série¹⁴. Assim, houve um aumento de 7 mil (+0,9%) indivíduos nessa condição em um ano e uma diminuição de 28 mil (-3,4%) ao levar-se em consideração o quarto trimestre de 2020. Trata-se do maior contingente populacional de desalentados do país, constatação que se repete desde o início da pesquisa. Atualmente, a Bahia concentra 13,1% da população desalentada brasileira (5,970 milhões). O percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada no estado ficou em 10,7% de janeiro a março de 2021, o quinto maior registro da sequência histórica.

Com base na PNADC, em sua edição trimestral, o rendimento médio real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no primeiro trimestre de 2021, na Bahia, foi estimado em R\$ 1.597 – o terceiro mais baixo entre as unidades federativas. Em relação ao mesmo intervalo de 2020, quando estava em R\$ 1.742, houve queda de 8,3% – a segunda maior retração interanual averiguada. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 1.652, ocorreu uma variação negativa de 3,3%. A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 7,885 bilhões, menor montante já contabilizado – significando uma diminuição de 4,6% frente à do trimestre antecedente, de R\$ 8,264 bilhões, e de 17,7% num comparativo com a do mesmo período do ano passado (por sinal, a maior queda percentual registrada nessa base de comparação), cujo valor havia sido de R\$ 9,592 bilhões.

14 Os desalentados são aqueles fora da força de trabalho que estavam disponíveis para assumir um trabalho, mas não tomaram providência para conseguir trabalho no período de referência de 30 dias por, pelo menos, uma das seguintes razões: a) não ter conseguido trabalho adequado; b) não ter experiência profissional ou qualificação; c) não haver trabalho na localidade; ou d) por ser considerado muito jovem ou idoso.

Tabela 4
Síntese das principais informações da PNADC – Bahia – 1º tri. 2020/4º tri. 2020/1º tri. 2021

Indicador	Estimativa			Variação	
	1º tri. 2020	4º tri. 2020	1º tri. 2021	1º tri. 2021/ 4º tri. 2020	1º tri. 2021/ 1º tri. 2020
Taxa de desocupação	18,7%	20,0%	21,3%	1,3 p.p.	2,6 p.p.
Nível da ocupação	47,3%	41,9%	41,5%	-0,4 p.p.	-5,8 p.p.
Taxa de participação na força de trabalho	58,2%	52,4%	52,7%	0,3 p.p.	-5,5 p.p.
Taxa composta de subutilização da força de trabalho	39,9%	44,6%	44,8%	0,2 p.p.	4,9 p.p.
Taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas	14,7%	16,6%	16,1%	-0,5 p.p.	1,4 p.p.
Percentual de desalentados(1)	10,0%	11,1%	10,7%	-0,4 p.p.	0,7 p.p.
População em idade de trabalhar (em mil)	12.042	12.385	12.369	-0,1%	2,7%
População na força de trabalho (em mil)	7.011	6.484	6.521	0,6%	-7,0%
Ocupados (em mil)	5.700	5.188	5.135	-1,0%	-9,9%
Subocupados por insuficiência de horas trabalhadas (em mil)	836	863	827	-4,2%	-1,1%
Desocupados (em mil)	1.311	1.296	1.386	6,9%	5,7%
População fora da força de trabalho (em mil)	5.031	5.901	5.847	-0,9%	16,2%
População na força de trabalho potencial (em mil)	1.083	1.329	1.287	-3,2%	18,8%
Desalentados (em mil)	778	813	785	-3,4%	0,9%
População subutilizada (em mil)	3.230	3.488	3.499	0,3%	8,3%
Rendimento médio real habitual	R\$ 1.742	R\$ 1.652	R\$ 1.597	-3,3%	-8,3%
Massa de rendimento real (em milhões)	R\$ 9.592	R\$ 8.264	R\$ 7.885	-4,6%	-17,8%

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

(1) Trata-se do percentual de pessoas desalentadas em relação à população na força de trabalho ou desalentada.

Levando-se em conta a posição na ocupação, houve recuo em todas as seis formas de inserção no mercado de trabalho em um ano na Bahia (Tabela 5). Frente ao mesmo trimestre do ano passado, *Trabalhador doméstico* (-25,4%) e *Empregador* (-18,4%) foram aquelas com as maiores retrações relativas. Em seguida, em magnitudes relativamente menores, vieram *Empregado no setor privado (exclusive trabalhador doméstico)* (-11,1%), *Empregado no setor público* (-9,4%), *Conta própria* (-4,7%) e *Trabalhador familiar auxiliar* (-2,1%). Com relação ao quarto trimestre, ocorreu uma alta: *Conta própria* (+2,5%). As demais variações em relação ao último trimestre de 2020 podem ser acompanhadas em detalhe na tabela abaixo.

No setor privado (exclusive trabalhador doméstico), em termos interanuais, a queda foi maior entre os empregados com carteira de trabalho assinada (-13,1%) do que entre aqueles sem carteira assinada (-8,0%) – o que significou recuos absolutos de 191 mil e 78 mil, respectivamente. Em confronto com o trimestre antecedente, houve recuo daqueles com registro em carteira (-2,1%) e aumento dos sem registro (+0,9%). Dessa forma, no primeiro trimestre de 2021, o percentual de empregados com carteira assinada ficou em 58,7% – a quinta menor proporção entre as unidades federativas e bem abaixo da média brasileira (75,3%). Entre os trabalhadores domésticos, após um ano, a queda foi mais expressiva para aqueles sem proteção legal (-26,6%) do que para aqueles sob a manta da legalidade (-20,3%).

No setor público, apenas aqueles com carteira de trabalho assinada apresentaram variação positiva nas duas bases de comparação. Dos empregadores, o número voltou a recuar e

registrou o terceiro menor montante da série (173 mil). De toda população ocupada no estado no primeiro trimestre deste ano, apenas 3,4% se enquadravam como empregadores. Por sua vez, no mesmo período, os que trabalhavam por conta própria representavam 31,4% do total de ocupados na Bahia – percentual acima da média do país, de 27,8%. Outros pormenores das formas de inserção e suas oscilações entre os trimestres podem ser observados na tabela abaixo.

Tabela 5
Pessoas ocupadas (em milhares) por posição na ocupação e categoria do emprego no trabalho principal
Bahia – 1º tri. 2020/4º tri. 2020/1º tri. 2021

Posição na ocupação e categoria do emprego	Trimestre			Variação			
	1º tri. 2020	4º tri. 2020	1º tri. 2021	1º tri. 2021/4º tri. 2020		1º tri. 2021/1º tri. 2020	
				Percentual (%)	Absoluta (em mil)	Percentual (%)	Absoluta (em mil)
Empregado no setor privado(1)	2.435	2.184	2.165	-0,9%	-19	-11,1%	-270
com carteira de trabalho assinada	1.462	1.298	1.271	-2,1%	-27	-13,1%	-191
sem carteira de trabalho assinada	972	886	894	0,9%	8	-8,0%	-78
Trabalhador doméstico	382	305	285	-6,6%	-20	-25,4%	-97
com carteira de trabalho assinada	74	66	59	-10,6%	-7	-20,3%	-15
sem carteira de trabalho assinada	308	239	226	-5,4%	-13	-26,6%	-82
Empregado no setor público	787	760	713	-6,2%	-47	-9,4%	-74
com carteira de trabalho assinada	44	57	65	14,0%	8	47,7%	21
sem carteira de trabalho assinada	239	226	172	-23,9%	-54	-28,0%	-67
militar e funcionário público estatutário	504	477	475	-0,4%	-2	-5,8%	-29
Empregador	212	177	173	-2,3%	-4	-18,4%	-39
Conta própria	1.693	1.574	1.613	2,5%	39	-4,7%	-80
Trabalhador familiar auxiliar	191	188	187	-0,5%	-1	-2,1%	-4
Total	5.700	5.188	5.135	-1,0%	-53	-9,9%	-565

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

Diferenças do somatório em relação ao total decorrem de eventuais aproximações nas categorias.

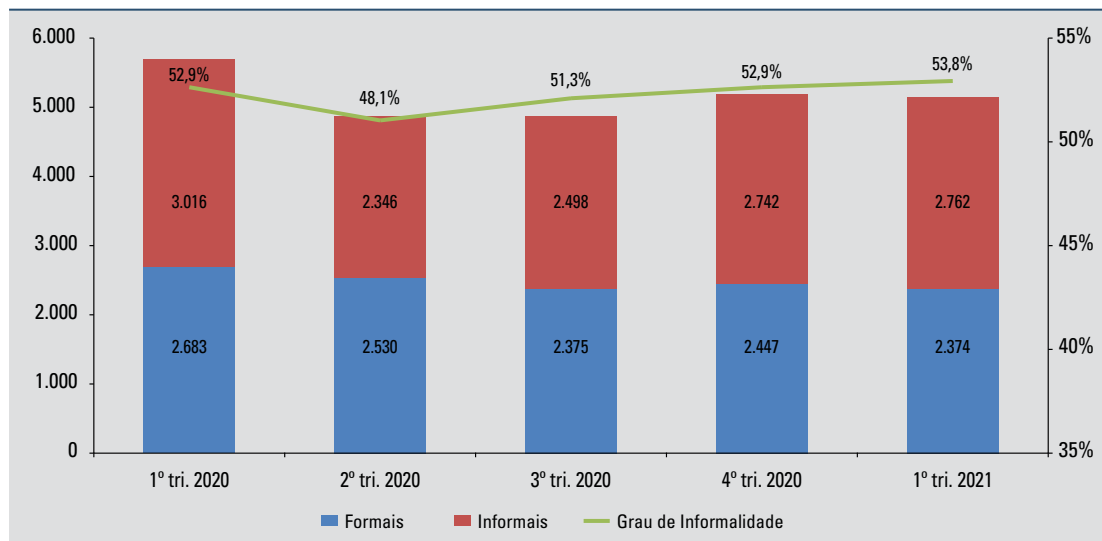
(1) Exclui trabalhador doméstico.

Após duas quedas sucessivas em relação ao trimestre imediatamente anterior, o conjunto dos informais completou três altas subsequentes no trimestre mais recente. O quantitativo de formais, por sua vez, voltou a encolher após ter expandido (Gráfico 8). Assim, do quarto trimestre de 2020 ao primeiro deste ano, a retração da ocupação derivou principalmente do decréscimo no montante de formais, visto que o total dos informais variou positivamente. Em termos interanuais, a queda da ocupação em território baiano decorreu mais do encolhimento do quadro de formais, já que o de informais decresceu de forma menos intensa. Por fim, o trimestre de janeiro a março de 2021 contabilizou 2,762 milhões de ocupados na informalidade e 2,374 milhões na formalidade.

O grau de informalidade da população ocupada no mercado de trabalho baiano no trimestre encerrado em março de 2021, dessa forma, aumentou quando comparado com o de um ano antes e também no confronto com o observado no trimestre imediatamente antecedente. Como se pode acompanhar pelo gráfico abaixo, no intervalo mais recente, entre os ocupados, 53,8% eram considerados informais, ao passo que, no mesmo trimestre do ano de 2020 e

no imediatamente antecedente, eram 52,9% em cada. No Brasil como um todo, 39,6% dos trabalhadores se encontravam alocados na informalidade entre janeiro e março deste ano.

Gráfico 8
População ocupada (em milhares) por situação de formalidade e grau de informalidade(1)
Bahia – 1º tri. 2020-1º tri. 2021



Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

(1) A definição aqui utilizada considerou informal o empregado do setor privado sem carteira, o trabalhador doméstico sem carteira, o empregador sem CNPJ, o trabalhador por conta própria sem CNPJ e o trabalhador familiar auxiliar.

Considerando-se os grupamentos de atividade econômica, após um ano, o número de pessoas ocupadas diminuiu em quatro do total das cinco grandes categorias (Tabela 6). No caso, o encolhimento relativo do nível de emprego foi maior em *Indústria geral* (-20,5%), *Serviços* (-14,8%) e *Construção* (-13,8%); e relativamente menor em *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* (-6,5%). Em compensação, a ocupação cresceu no setor *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (+7,9%). Em relação ao trimestre imediatamente anterior, apenas dois grupamentos exibiram queda: *Construção* (-8,3%) e *Serviços* (-5,5%). As variações em relação ao trimestre antecedente também podem ser vistas na tabela logo a seguir.

Especificamente dentro de *Serviços*, composto por seis atividades, houve recuo anual da população ocupada em cinco delas: Alojamento e alimentação (-27,4%), Serviços domésticos (-23,7%), Outros serviços¹⁵ (-17,1%), Administração pública, defesa, seguridade, educação, saúde humana e serviços sociais (-13,0%) e Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas (-7,3%). Assim, a atividade referente a Transporte, armazenagem e correio (+1,8%) foi a única do grupamento *Serviços* com crescimento da ocupação em um ano.

15 O grupamento ocupacional Outros serviços, baseado na Classificação Nacional de Atividades Econômicas Domiciliar, engloba três seções: Artes, cultura, esporte e recreação; Outras atividades de serviços; e Organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Tabela 6
Pessoas ocupadas (em milhares) por grupamentos de atividade do trabalho principal
Bahia – 1º tri. 2020/4º tri. 2020/1º tri. 2021

Grupamento de atividade econômica	Trimestre			Variação			
	1º tri. 2020	4º tri. 2020	1º tri. 2021	1º tri. 2021/4º tri. 2020		1º tri. 2021/1º tri. 2020	
				Percentual (%)	Absoluta (em mil)	Percentual (%)	Absoluta (em mil)
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	932	922	1.006	9,1%	84	7,9%	74
Indústria geral	503	393	400	1,8%	7	-20,5%	-103
Construção	398	374	343	-8,3%	-31	-13,8%	-55
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	1.048	958	980	2,3%	22	-6,5%	-68
Serviços	2.819	2.540	2.401	-5,5%	-139	-14,8%	-418
Total	5.700	5.188	5.135	-1,0%	-53	-9,9%	-565

Fonte: IBGE – PNADC.

Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

Diferenças do somatório em relação ao total decorrem de eventuais aproximações nas categorias.

PERSPECTIVAS PARA O MERCADO DE TRABALHO

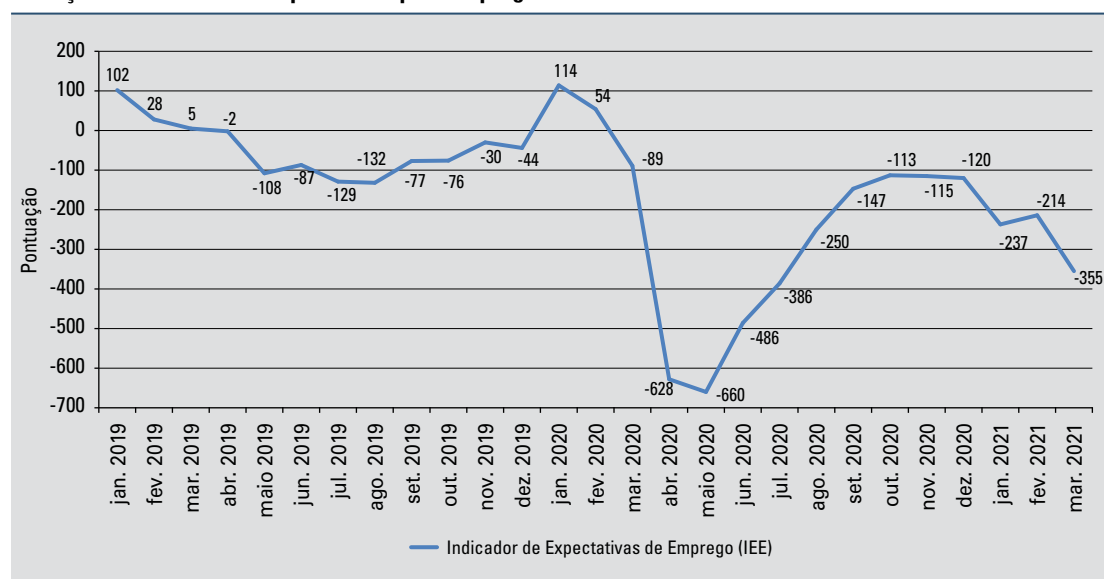
Expectativa dos empresários baianos para o emprego

A Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano sonda as expectativas dos empresários de diversos setores sobre os mais variados temas, dentre os quais a inclinação à contratação futura de trabalhadores. Construído a partir das respostas do empresariado da Bahia em relação aos planos de abrir, manter ou encerrar vagas, o Indicador de Expectativas para Emprego (IEE) tem sido negativo desde março de 2020, ou seja, há 13 meses – mas isso após dois meses seguidos com valor acima de zero.

Após o mês de janeiro de 2020, quando atingiu 114 pontos, maior patamar desde março de 2013, o referido indicador entrou em rota de declínio, alcançando a menor pontuação da série em maio de 2020 (-660 pontos). A partir de junho, quando da interrupção do percurso de queda, até outubro, a trajetória foi de recuperação. Nos dois últimos meses do ano passado, o indicador praticamente se estabilizou. Agora, nos primeiros três meses de 2021, no entanto, o percurso voltou a ser de deterioração. Frente aos meses do quarto trimestre de 2020, os do primeiro trimestre deste ano se situaram num degrau abaixo: janeiro, -237 pontos; fevereiro, -214 pontos; e março, -355 pontos. O mês de março, por exemplo, registrou o menor nível dos últimos oito meses. Os resultados recentes, mesmo ainda melhores do que os dos meses mais dramáticos da crise recente (abril, com -628 pontos; e maio, com -660 pontos), servem de alerta quanto a possibilidade de um recrudescimento da apatia nas intenções de contratações em curto e médio prazos (Gráfico 9).

Em relação ao desfecho do trimestre imediatamente antecedente, a piora do indicador referente ao emprego se manifestou de forma generalizada, já que ocorreu em todos os quatro setores. Assim, portanto, contrações das expectativas foram captadas nas atividades de *Agropecuária, Indústria, Serviços e Comércio*. Considerando-se que a pontuação pode variar de -1.000 a 1.000 pontos, faz-se importante destacar que o pessimismo quanto ao emprego (pontuação abaixo de zero) se espalhou um pouco mais e se manifestou em três setores – portanto, em um a mais do que no final do quarto trimestre de 2020. Por fim, o grupamento *Serviços* terminou no pior patamar entre os setores, com -500 pontos ao final do intervalo. Na outra ponta, mais uma vez, a atividade de *Agropecuária* revelou a percepção mais favorável em relação às contratações futura, com 143 pontos.

Gráfico 9
Evolução do Indicador de Expectativas para Emprego – Bahia – Jan. 2019-mar. 2021



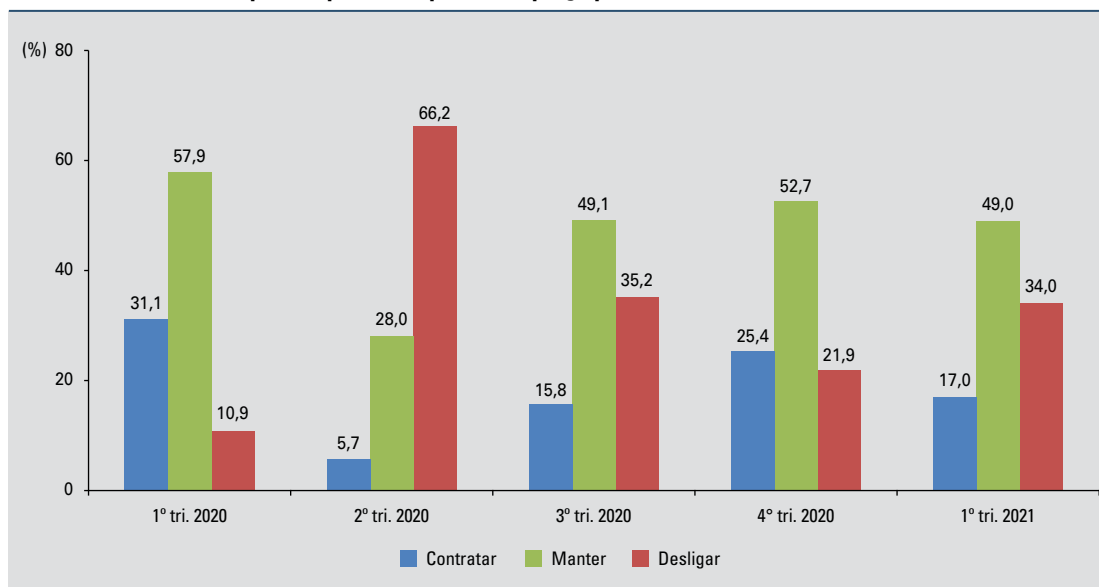
Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

No que diz respeito ao nível esperado de contratações futuras, analisando a média do trimestre, 49,0% dos empresários planejam manter a quantidade atual de trabalhadores, 17,0% cogitam contratar e 34,0% dos entrevistados pretendem promover o desligamento de empregados (Gráfico 10). Pontualmente, depois de um trimestre, houve uma nova inversão no intervalo de meses mais recente, de forma que a proporção das empresas com intenção de comprimir o quadro de pessoal ultrapassou a das que preveem expandir, com aquela assumindo exatamente o dobro desta.

Conforme o gráfico abaixo, após o elevadíssimo patamar registrado no segundo trimestre de 2020, quando atingiu 66,2%, o intento do setor produtivo baiano de enxugar o quadro de funcionários recuou seguidamente até o final do ano passado e, mesmo sem ter alcançado um nível considerado baixo, voltou a crescer no primeiro trimestre de 2021 (34,0%). O fito de admitir, por sua vez, depois de perder fôlego e assumir um percentual inferior ao exibido nos últimos 16 trimestres – de 5,7% no segundo trimestre de 2020 –, emendou dois avanços, mas voltou a recuar e ficou em 17,0% no trimestre mais atual, estacionando assim num patamar abaixo do observado no início de 2020 (31,1%). De resto, ao passar de 52,7% para 49,0% no

movimento mais recente, a perspectiva empresarial de manter o quantitativo de empregados apresentou um leve recuo – isso depois de ter aumentado seguidamente nos dois trimestres anteriores. Com expectativas ainda pouco encorajadoras, a prescrição de uma recuperação do mercado de trabalho sob o olhar empresarial, presente até o início do ano passado, ainda não se consolidou no horizonte¹⁶.

Gráfico 10
Percentual médio de respostas quanto ao quesito emprego por trimestre – Bahia – 1º tri. 2020-1º tri. 2021



Fonte: SEI – Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano.
 Nota: Dados sistematizados pela SEI/Dipeq/Copes 2021.

16 Dada a violenta e brusca quebra recente, com choques vindos tanto da oferta quanto da demanda, o que dificulta a modelagem em capturar uma perturbação com tais características, optou-se por não apresentar a projeção do emprego formal neste boletim. Além do mais, a redução da comunicabilidade entre os pontos da série por conta das mudanças na forma de captação dos dados do Caged se revelou um obstáculo adicional. Nessas circunstâncias, portanto, a capacidade preditiva dos modelos econométricos se encontra fragilizada.

NOTA METODOLÓGICA

Pesquisa de Confiança do Empresariado Baiano

A fim de monitorar o nível de confiança do setor produtivo do estado mensalmente, a Pesquisa de Confiança do Empresário Baiano efetua a produção contínua e sistemática de indicadores. O principal deles é o ICEB, Indicador de Confiança do Empresariado Baiano.

Realizada diretamente com federações, associações e sindicatos patronais representativos dos segmentos empresariais do Estado, a técnica de coleta utiliza um questionário com doze perguntas de cunho qualitativo e que versam sobre temas relacionados ao contexto macroeconômico (Inflação, Juros, PIB Nacional e PIB Estadual) e ao desempenho das empresas (Vendas, Crédito, Câmbio, Capacidade Produtiva, Situação Financeira, Emprego, Exportação e Abertura de Unidades).

Fruto de uma amostragem não-probabilística intencional, a Pesquisa conta, atualmente, com mais de cem entidades representativas dos setores produtivos do estado. A cobertura setorial da Pesquisa abrange quatro setores: Agropecuária; Indústria; Serviços; e Comércio.

Para chegar ao indicador geral é necessário, primeiramente, mensurar as respostas qualitativas do questionário. Atribui-se valor 1.000 para a resposta mais otimista; 500 para a resposta confiante; zero para a intermediária; -500 para aquela não confiante; e -1.000 para a mais pessimista. Desta maneira, é possível calcular indicadores por questão, tema e setor, sendo o ICEB fruto de uma média dos indicadores de confiança setoriais ponderados pelo valor adicionado de cada atividade no PIB.

O valor do ICEB e dos demais indicadores podem variar de -1.000 a 1.000. Dentro desse intervalo, quanto mais próximo de -1.000, maior o pessimismo associado. Em sentido contrário, mais perto de 1.000, maior o otimismo. O zero pode ser interpretado como ponto de indiferença.

Para efeitos ilustrativos, a Pesquisa trabalha com uma escala de grau de otimismo dividida em intervalos, a qual possibilita classificar o resultado conforme seu enquadramento: *Grande Pessimismo*, de -1.000 a -500; *Pessimismo*, de -500 a -250; *Pessimismo Moderado*, de -250 a zero; *Otimismo Moderado*, de zero a 250; *Otimismo*, de 250 a 500; e *Grande Otimismo*, de 500 a 1.000. Os valores de fronteira pertencem à zona imediatamente anterior, com o zero como ponto de orientação.

Escala do ICEB



